

**COORDENAÇÃO COM BOLA DE CRIANÇAS E JOVENS QUE TREINAM FUTSAL
NO OURO PRETO TÊNIS CLUBE**

Gabriela Faria Soares¹
Monalisa da Silva Reis¹
Siomara Aparecida da Silva²
Wanda Maria Costa Braga²
Samara da Silva Moura²
Thais Silva Beltrame¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi verificar a coordenação com bola de crianças que treinam futsal. A amostra foi composta por 73 crianças e jovens de ambos o sexo com idade entre 9 e 14 ($11,30 \pm 1,48$) anos. Para a obtenção dos dados foi utilizado o Instrumento TECOBOL (Teste de Coordenação com Bola). Analisando a coordenação com bola das crianças nas quatro habilidades que compõem o instrumento, foi identificado que nas tarefas executadas com as mãos os resultados apresentados foram superiores aos das tarefas executadas com os pés. Na análise pareada dos dados os resultados indicam que em todas as tarefas houve diferença significativa do nível de coordenação motora de antes e após os treinos. Visto que houve diferença significativa entre os momentos concluímos que o treino provocou alterações na coordenação com bola após 18 sessões de aula/treino.

Palavras-chaves: Coordenação. TECOBOL. Movimento Humano.

ABSTRACT

Coordination with children ball and youth futsal training in gold preto tennis club

The aim of this study was to verify coordination with ball kids futsal training. The sample comprised 73 children and young people of both sex aged 9 and 14 ($M = 11.30 \pm 1.48$) years. To obtain the data we used the Instrument TECOBOL (Test Coordination with ball). Analyzing coordination Ball of children in the four skills that make up the instrument, it was identified that the tasks performed with hands the results were superior to the tasks performed with the feet. In paired analysis of the data the results indicate that in all tasks was no significant difference in the level of motor coordination before and after workouts. Since there were significant differences between times we conclude that training led to changes in coordination with ball after 18 class sessions / training.

Key words: Coordination. TECOBOL. Human Movement.

1-Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil.

2-Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

E-mails dos autores:
gabyspincinet@hotmail.com
monalisareis-bassal@hotmail.com
sio@gmail.com
wandinhaa_s2@hotmail.com
samaramoura@hotmail.com
ts.beltrame1@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) são constituídos por várias modalidades esportivas. Ele representa uma forma de atividade organizada, específica de manifestação e prática.

Nesse contexto os praticantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de rivalidade esportiva (Lovatto e Galatti, 2007), tendo a bola (ou algum outro implemento) como referência e objeto de posse (Reverdito e Scaglia, 2009).

Menezes, Marques e Numomura (2014) apresentam uma manifestação dos JEC, que são os Jogos Coletivos de Invasão (JCI) que é caracterizado pelo confronto entre atacantes e defensores, dentro de um espaço comum juntamente com ações simultâneas entre os sujeitos oponentes.

No contexto da prática de ensino dos JEC observa-se o desenvolvimento das habilidades como um pré-requisito, para o sucesso da participação no jogo (Graça e Mesquita, 2002).

Os JEC quando ensinados e orientados de forma coerente, poderão contribuir no desenvolvimento de várias capacidades como: o tático-cognitivo, o técnico e o sócio-afetivo dos atletas Lovatto e Galatti (2007), concomitante com o desenvolvimento da capacidade de jogo, com vistas à educação para a vida em sociedade e ao desenvolvimento de uma mentalidade crítica e consciente.

A Capacidade de Jogo é caracterizada pela interação do desenvolvimento das diferentes capacidades que compõem um rendimento esportivo e é caracterizada pela transferência de uma experiência longa e diversificada de movimentos (Lovatto e Galatti, 2007; Graça e Mesquita, 2002).

O Desenvolvimento dessa Capacidade faz com que o indivíduo seja capaz de compreender e aprender determinada modalidade esportiva, diferenciar situações-problema e resolvê-las com inteligência e com independência (Neto e colaboradores, 2010).

Esse desenvolvimento se inicia com a aprendizagem tática sendo a mesma dependente de uma qualidade técnica. Nesse contexto é de suma importância que as capacidades coordenativas e a habilidades técnicas fundamentais dos JEC sejam desenvolvidas, facilitando assim a tomada de

decisão tática no jogo (Menezes, Marques e Nunomura, 2014; Greco, 2012).

Ainda Greco (2012) apresenta uma estruturação para o desenvolvimento da CJ, pautada em uma sequência de conteúdos denominados A-B-C adaptado de Kroger e Roth (2002).

O A-B-C inicia-se sua sequência na aprendizagem construindo as bases para o treinamento, partindo da aprendizagem tática e motora até o treinamento tático-técnico (Greco e colaboradores, 2009).

Para o desenvolvimento da aprendizagem motora é necessário trabalhar as capacidades coordenativas, onde a mesma é considerada como uma via de mão dupla, ou seja, quanto mais eu desenvolvo uma consequentemente eu oportunizo a outra.

Sabe-se que as capacidades coordenativas e as habilidades são um pré-requisito organizacional e funcional do movimento. E o desenvolvimento das habilidades serve de base para o aprimoramento da técnica esportiva.

Diante dessa ótica é necessário ao longo do desenvolvimento motor um aperfeiçoamento das habilidades básicas dos JEC (correr, saltar, lançar, receber), através do treinamento da Coordenação Motora-CM (Greco e colaboradores, 2009).

Tendo como plano de fundo o desenvolvimento da coordenação com bola.

Segundo Silva (2011) coordenação com bola é o controle do corpo na execução das habilidades básicas com a bola em situação características dos jogos esportivos, sob diferentes condicionantes de exigências motoras.

E o seu treinamento se dá através das habilidades básicas dos JEC, juntamente com as vias de informação (vias aferentes e eferentes) somados com os condicionantes de exigência motora (tempo, precisão, organização, variabilidade, sequência e carga). Pautando no processo de ensino-aprendizagem-treinamento.

Nesse processo, existem fases e etapas da vida que são propícias ao trabalho de determinadas habilidades, e cabe ao profissional respeitar as características da mesma.

O processo de EAT poderia ser composto não apenas pela sistematização de ações próprias de uma função ou situação específica de um JEC, mas por amplas

vivências, proporcionadas por práticas diferenciadas, baseadas nos princípios operacionais dos JEC (Graça e Mesquita, 2002).

As progressões didáticas para o ensino dos JEC concentram-se básica e exclusivamente nos aspectos motores (Graça e Mesquita, 2002).

Essas ações podem ser entendidas como as habilidades básicas dos jogos esportivos no contexto do ensino (Teixeira e Silva, 2013).

Assim é necessário que os professores/técnicos foquem o olhar nos métodos de ensino existentes. Método de ensino é a ação do professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, quando utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos (Libâneo, 2002).

Utilizando desse meio como ferramenta para sistematizar e planejar o ensino dos esportes em especial dos JEC. Quebrando assim o paradigma da falta de estruturação e planejamento das aulas de Educação Física Scaglia e colaboradores (2013), não somente no ambiente formal, mas também atingindo o ambiente informal (Lovatto e Galatto, 2007; Teixeira e Silva, 2013).

Diante das metodologias direcionadas para o EAT dos JEC, deparamos com metodologias que vigoram até hoje nos ambientes informais, onde enxergamos uma abordagem de ensino pautada na técnica esportiva através da repetição dos gestos (Scaglia e colaboradores, 2013).

Mas por outro lado vários autores Kroger e Roth (2002), Greco, Silva e Santos (2009), Greco e Benda (1998) pautam os seus estudos acerca das novas metodologias de ensino. Onde as mesmas exploram os conteúdos por meio de uma situação de jogo na aula/treino. Exigindo do professor/técnico o cuidado didático na garantia de um ambiente de jogo, em que os planos pedagógicos (planejamento, objetivos, conteúdos) sejam orientados pela natureza do jogo.

Porém, isso não significa que é deixar jogar (jogo pelo jogo). Mas garantir um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam alcançados na medida em que o jogador mobiliza suas competências e habilidades (ato de jogar) a fim de elucidar a lógica do jogo

(jogar melhor/obter êxito) (Scaglia e colaboradores, 2013). Diante a isso o objetivo deste trabalho foi verificar a coordenação com bola de crianças que treinam futsal.

MATERIAIS E MÉTODOS

A amostra foi composta por 73 crianças e jovens de ambos o sexo com idade entre 9 e 14 ($M= 11,30 \pm 1,48$) anos. Os mesmos treinavam pelo menos duas vezes por semana com duração de 90 min./treino. Desta amostra 14 jogadores participaram de um grupo controle para a análise do desenvolvimento da coordenação com bola.

O Instrumento utilizado foi o Teste de Coordenação com Bola tecobol (Silva, 2011). Que foi aplicado em dois momentos, denominados pré e pós teste, tendo um intervalo de 111 dias corridos, nos quais eles passavam pelo treinamento do futsal.

Para o tratamento dos dados foi utilizado às medidas de média e desvio padrão. Além de ser utilizado o ANOVA com POSTHOC de Bonferroni, bem como o teste t-student pareado e o teste de correlação Pearson.

O Estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP (CAAE – 0004.0.238.000-09) e seus procedimentos seguidos.

RESULTADO

Todos os indivíduos que compôs a amostra participavam de aulas de Educação Física na escola por duas vezes semanais com duração de 50 min. cada aula. Além de praticarem futsal duas vezes por semana com média de 113,42 min. aula. O tempo de prática dos indivíduos na modalidade atingiu média de 44,16 meses.

Na análise dos resultados encontrados no lançamento a média de $132,96 \pm 31,23$, no chute a média foi $142,68 \pm 34,62$, no drible foi média de $95,21 \pm 30,17$, e na condução a média apresentada foi $104,93 \pm 35,70$.

Na comparação entre as idades houve diferença significativamente e estas no lançamento, chute e drible. Na condução não foi encontrado nenhuma diferença conforme tabela 1.

No lançamento as crianças de 9 anos são diferentes das crianças de 14 anos, as crianças de 10 anos são diferentes das

crianças de 12, 13 e 14 anos. E as crianças de 11 anos são diferentes das crianças de 14 anos. No chute as crianças de 9 anos não são diferentes de nenhuma das demais crianças e as crianças de 10 anos são diferentes das de 12, 13 e 14 anos, mas não se fazem diferentes das crianças de 11 anos. Nessa habilidade as crianças de 11 anos não apresentam diferença significativa entre nenhuma das idades comparadas nesse estudo.

Quando analisado o drible as crianças de 9 anos são diferentes das crianças de 11, 12, 13 e 14 anos mas não se fazem diferentes das crianças de 10 anos. E as crianças de 10 anos se mostram diferentes apenas das

crianças de 13 anos. É na condução nenhuma das crianças são diferentes entre as idades.

Na análise dos dados utilizando o teste t-students os resultados obtidos foram: no lançamento $146,36 \pm 33,77$, no chute $161,64 \pm 31,33$, no drible $101,21 \pm 27,54$ e na condução $100,65 \pm 18,00$. Fazendo uma correlação do tempo de prática com o tempo gasto para executar as habilidades obtivemos uma correlação positiva e fraca no chute (0,01) e drible (0,01) e uma correlação negativa e fraca no lançamento (-0,148) e condução (-0,028), ou seja, quanto maior o tempo de experiência, menor o tempo gasto para executar as habilidades com as mãos.

Tabela 1 - Descritivo dos resultados encontrados na comparação entre as idades.

Tarefa	Idades	Média	Erro Padrão
Lançamento	9	$150,80 \pm 26,88^*$	12,02
	10	$149,50 \pm 26,66^*$	5,44
	11	$138,21 \pm 32,05^*$	8,56
	12	$115,64 \pm 26,53^*$	8,00
	13	$121,92 \pm 25,57^*$	7,38
	14	$99,14 \pm 18,64^*$	7,04
			$132,96 \pm 31,23$
Chute	9	$151,80 \pm 25,41$	11,36
	10	$165,96 \pm 35,65^*$	7,27
	11	$146,29 \pm 33,78$	9,030
	12	$124,00 \pm 17,10^*$	5,158
	13	$118,00 \pm 12,82^*$	3,701
	14	$120,86 \pm 32,53^*$	12,29
			$142,68 \pm 34,526$
Drible	9	$140,80 \pm 24,72^*$	11,05
	10	$106,33 \pm 30,53^*$	6,234
	11	$90,79 \pm 17,90^*$	4,786
	12	$87,36 \pm 27,79^*$	8,381
	13	$73,92 \pm 17,58^*$	5,077
	14	$82,14 \pm 30,00^*$	11,34
			$95,21 \pm 30,172$
Condução	9	$123,20 \pm 37,35$	16,70
	10	$108,83 \pm 30,27$	6,180
	11	$94,86 \pm 18,65$	4,986
	12	$104,09 \pm 36,20$	10,917
	13	$110,75 \pm 58,24$	16,815
	14	$90,00 \pm 28,06$	10,60
			$104,93 \pm 35,703$

Legenda: * $p < 0,005$.

Os dados da Correlação de Pearson analisando, o tempo de prática do grupo controle do desenvolvimento coordenativo, indicou no lançamento (-0,33), chute (-0,29),

condução (-0,26) e drible (-0,17) uma correlação negativa fraca.

Com um intervalo de 111 dias corridos, marcados a partir da primeira coleta

dos dados, o instrumento TECOBOL foi aplicado novamente em 14 sujeitos da amostra. Nesse intervalo os sujeitos passaram por um período de 18 sessões de treino/aula totalizando 27 horas de treinamento. Esse

grupo foi composto por uma criança de 9 anos, cinco de 10 anos, seis de 11 anos, uma de 12 anos e três de 13 anos, com a idade média de $11 \pm 1,21$ anos de acordo com a tabela 2.

Tabela 2 - Descritivo dos resultados pareados das quatro habilidades analisadas.

	Média	Erro Padrão	Média e Desvio padrão da diferença (delta)
Lançamento	33,77 ± 9,02	146,36	
Lançamento (g. controle)	31,62* ± 8,45	126,07	20,286 ± 20,786
Chute	31,33 ± 8,37	161,64	
Chute (grupo controle)	32,23* ± 8,61	132,14	29,500 ± 30,811
Drible	27,54 ± 7,36	101,21	
Drible (grupo controle)	15,43* ± 4,12	71,29	29,929 ± 26,205
Condução	18,00 ± 4,81	100,64	
Condução (grupo controle)	15,98* ± 4,27	83,57	17,071 ± 22,307

Na análise pareada dos dados os resultados indicam que em todas as tarefas houve diferença significativa do nível de coordenação motora de antes e após os treinos.

DISCUSSÃO

Em um estudo realizado por Rocha, Rocha e Bertolasce (2010), com o objetivo de investigar as contribuições da iniciação esportiva para o desenvolvimento motor de crianças de 06 a 09 anos da região de Maringá-PR utilizando a escala de desenvolvimento motor de Rosa Neto (2002), concluíram que os meninos que já tinham mais de seis meses de prática da modalidade apresentaram idade motora global maior que a idade cronológica, diferentemente dos meninos que estavam iniciando o treinamento.

Essas correlações realizadas, por esses autores, não corroboram com os achados do presente estudo, uma vez que o tempo de prática apresentou correlação, apesar de fraca e em algumas tarefas correlação fraca e positiva.

O que nesse caso indica uma piora na execução das tarefas/teste que compõem o TECOBOL, visto que, quando a correlação é positiva, a criança leva mais tempo para execução do teste.

Analisando a coordenação com bola das crianças nas quatro habilidades que compõem o TECOBOL, foi identificado que nas tarefas executadas com as mãos os resultados apresentados foram superiores aos

das tarefas executadas com os pés. Uma justificativa para esses achados está nas características do desenvolvimento motor, que devido ao seu processo corporal facilita o aprimoramento das habilidades com as mãos primeiramente, já que o seu desenvolvimento tem origem Céfal – Caudal (Pacheco e Santos, 2013).

Contudo esta característica deve ser aproveitada metodologicamente pelo professor no desenvolvimento de atividades complexas, em especial nos JEC, principalmente no desenvolvimento da tática.

Quando analisamos a coordenação com bola das crianças de 10 anos com as de 11 anos, foi visto que não existe diferença significativa entre as idades.

Corroborando com esses achados o estudo de Flores, Petersen e Silva (2013), este teve como objetivo analisar a coordenação com bola em escolares de 7 a 11 anos utilizando o mesmo instrumento para a coleta dos dados o TECOBOL, viram que não existe diferença significativa entre as essas idades.

Dessa forma os autores confirmaram a possibilidade de trabalhar com as crianças de 10 e 11 anos na mesma turma.

Gallahue e Ozmun (2005), também corroboram com essa premissa, justificando-se por serem faixas etárias que se assemelham no seu processo de maturação.

E quando analisado todas as faixas etárias, os resultados indicaram que na tarefa condução não existe diferença significativa entre nenhuma idade.

Discordando desses resultados o estudo realizado por Ramos (2000) com o objetivo de descrever e comparar as habilidades motoras específicas do futebol de atletas por posição de jogo e categoria, utilizando a bateria de testes de técnicas específicas no futebol. Condução de Bola, Martins (2012) afirma que ocorreram diferenças significativas entre as categorias mirim (12 e 13), infantil (14 e 15) e juvenil (16 e 17) nos três testes de habilidade motora.

Como foi visto nos resultados na tarefa que analisa a habilidade condução não houve diferença significativa entre nenhuma das idades. A falta de planejamento e sistematização das aulas e a falta de variabilidade, presumindo que a mesma aula que é dada para uma criança de 9 anos é dada também para um jovem de 14 anos, provocando esse achatamento do nível de habilidade, não deixando transparecer as características desenvolvimentais ou da própria metodologia de ensino de Graça e Mesquita (2002) no qual afirmam que para existir consistência no domínio de determinada habilidade motora é necessário que as condições de prática integrem variabilidade de situações.

De acordo com Cotrim e colaboradores (2011) as crianças necessitam de estímulos ambientais na forma de instrução e prática apropriada para cada faixa etária, ou seja, as crianças conseguiram executar as ações motoras de forma condizente com as necessidades do contexto. E uma vantagem primordial para essa variabilidade está na capacidade crescente de o aprendiz desempenhar a habilidade em situação de teste (Braga e colaboradores, 2009).

Em um estudo realizado por Neto e colaboradores (2010) com o objetivo de analisar a variação da coordenação motora dos atletas de futebol da categoria sub-11 de uma Escola de Futebol em Florianópolis/Santa Catarina, antes e após o período de um mês de treinamento específico, viram que no pré e pós-teste não houve alterações estatisticamente significativas na coordenação motora específica para o futebol, principalmente na tarefa de condução com a bola. Discordando dos achados desse estudo, uma vez que os resultados pareados mostraram que em todas as tarefas/testes houve diferença significativa.

Mas mesmo havendo essa diferença significativa entre os momentos, na habilidade chute essa diferença foi negativa, indicando uma piora no nível coordenativo das crianças que participaram desse estudo. Essa habilidade é considerada por Costa (2007) como um dos principais elementos técnicos do futsal, é o fundamento com maior poder de decisão durante uma partida, fazendo com que a meta principal do jogo seja atingida o gol (Santini e Voser, 2008).

Silva e Loureiro (2003) falam que o jogador que não tem uma boa técnica por qualquer motivo, limita o uso de seu corpo, pois em determinado momento ele não será capaz de usá-lo.

Para um melhor desenvolvimento e continuidade do jogo, é de suma importância que o jogador possua uma boa técnica (Voser, 2003).

De acordo com Andrade Junior (2009), no futsal essa técnica representa o agrupamento de habilidades já desenvolvidas anteriormente, e que são executadas individualmente durante o jogo.

Refletindo sobre essa problemática: se tecnicamente o atleta não chuta bem, consequentemente ele não jogará bem, e nem atingirá o objetivo principal já que ela é fundamental para um bom desempenho. E o jogador que possui uma técnica mais desenvolvida é capaz de solucionar mais rápido e melhor os problemas que se apresentam durante o jogo (Silva e Loureiro, 2003).

CONCLUSÃO

Os resultados desse estudo reforçam a importância da prática esportiva para o desenvolvimento motor das crianças. Em cima deles podemos definir a coordenação com bola de crianças que treinam futsal, no OPTC, respondendo assim à pergunta norteadora deste estudo.

Visto que houve diferença significativa entre os momentos concluímos que o treino provocou alterações na coordenação com bola após 18 sessões de aula/treino. Mas essas alterações podem estar relacionadas com o processo de maturação e desenvolvimento humano.

Necessitando, assim, de outros estudos que possam analisar a interferência

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

do treinamento no nível coordenativo com bola de crianças e jovens.

Além de identificar quais são as metodologias de ensino que utilizadas em escolinhas de esportes e seus efeitos na coordenação com bola.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Laboratório de Metodologia do Ensino dos Esportes-LAMEES e ao Grupo de Estudos das Capacidades de Rendimento dos Esportes Coletivos-GECREC.

REFERÊNCIAS

1-Andrade, J. R. Futsal: aquisição, iniciação e especialização. Curitiba. Ed. Juruá. 2009.

2-Braga, R. K.; e colaboradores. A influência de um programa de intervenção motora no desempenho das habilidades locomotoras de crianças com idade entre 6 e 7 anos. Revista da Educação Física/UEM. Vol. 20. Núm. 2. p.171-181. 2009.

3-Costa, C. Futsal: Aprenda a ensinar. Florianópolis, SC. Visual Books. 2007.

4-Cotrim, J. R.; Lemos, A. G.; Néri, J. E.; Barela, J. A. Desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais em crianças com diferentes contextos escolares. Revista de Educação Física-UEM. Vol. 22. Núm. 4. p.523-533. 2011.

5-Flores, L. S.; Petersen, R. D. S.; Silva, S. A. Coordenação motora em escolares. Lecturas Educación Física y Deportes 2. Vol. 18. p.1-8. 2013.

6-Gallahue, D. L.; Ozmun, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor. 3ª edição. Phorte. 2005.

7-Graça, A. B. S.; Mesquita, I. M. R. A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Vol. 2. Núm. 5 p.67-79. 2002.

8-Greco, P.J.; Benda, R.N. Iniciação Esportiva Universal. Da aprendizagem motora ao

treinamento técnico. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1998.

9-Greco, P. J.; Silva, A. S.; Santos, L. R. Organização e Desenvolvimento Pedagógico do Esporte no Programa Segundo Tempo. In: Oliveira, A. A. B.; Perim, G. L. (Ed.). Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão a prática. Eduem. p.163-206. 2009.

10-Greco, P.J. Metodologia do ensino dos Esportes Coletivos: Iniciação Esportiva Universal, Aprendizado Incidental-Ensino Intencional. Revista Mineira de Educação Física. Vol. 20. p.145-174. 2012.

11-Kroger, C.; Roth, K. Escola da Bola: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo. 2002.

12-Libâneo, J. C. Didática. São Paulo. Cortez. 2002.

13-Lovatto, D. L.; Galatti, L. R. Pedagogia do esporte e jogos esportivos coletivos: das teorias gerais para a iniciação esportiva em basquetebol. Movimento e percepção, Espírito Santo do Pinhal. Vol. 8. Núm. 11. p.268-277. 2007.

14-Martins, F. M. Proposição e validação de uma bateria de testes para avaliar as habilidades técnicas em jovens jogadores de futebol. TCC de Graduação em Educação Física: Bacharelado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre. 2012.

15-Menezes, R. P.; Marques, R. F. R.; Nunomura, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. Movimento. Vol. 20. p.351-373. 2014.

16-Neto, A. T.; Abreu, C.; Liberali, R.; Almeida, R. Análise da coordenação motora de uma equipe sub-11 de futebol de campo em Florianópolis. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Vol. 2. Núm.4. p.7-13. 2010. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/34/34>>

17-Neto, F. R.; Santos, A. P. M.; Xavier, R. F.; Amaro, K. N. A importância da avaliação

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

motora em escolares: análise da confiabilidade da Escala de Desenvolvimento Motor. *Revista Brasileira Cineantropometria Desempenho Humano*. Vol. 12. Núm. 6. p.422-427. 2010.

18-Pacheco, E. A.; Santos, J. C. Importância do Desenvolvimento da Coordenação Motora na Aprendizagem na Educação Infantil. *Revista Nativa*. Vol. 1. Núm. 2. 2013.

19-Ramos, S. S. Habilidades motoras específicas do futebol: um estudo comparativo entre diferentes categorias e posições. TCC de Graduação em Educação Física: Bacharelado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre/2012.

20-Reverdito, R. S.; Scaglia, A. Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão. Phorte. 2009.

21-Rocha, P. G. M.; Rocha, D. J. O.; Bertolasce, A. L. A influência da iniciação ao treinamento esportivo sobre o desenvolvimento motor na infância: um estudo de caso. *Revista da educação física/ UEM*. Vol. 21. Núm.3. p.469-477. 2010.

22-Rosa Neto, F. Manual de avaliação motora. Porto Alegre. Artmed. 2002.

23-Santini, J.; Voser, R. C. Ensino dos esportes coletivos: uma abordagem recreativa. Canoas: Editora Ulbra. 2008.

24-Scaglia, A. J.; Reverdito, R. S.; Leonardo, L.; Lizana, C. J. R. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. *Revista Movimento*. Vol. 19. Núm. 4. p.227-249. 2013.

25-Silva A. C.; Loureiro, L. L. Futsal como esporte na Escola e fonte de futuros praticantes. 2003. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2011/artigos/edfis/salao/841.pdf>>.

26-Silva, S. A. Manual do teste de coordenação com bola - TECOBOL. In: 3 Congresso Internacional de Jogos Desportivos, 2011, Porto-PT. *Revista portuguesa de ciências do desporto*. Vol. 11. p.93-94. 2011.

27-Teixeria, A. R.; Silva, S. A. Fidedignidade de Atividades para o Desenvolvimento da Capacidade de jogo nos Esportes Coletivos. *Pensar a Prática*. Vol. 16. Núm. 3. p.834-848. 2013.

28-Voser, R. C. Futsal: princípios técnico e táticos. 2ª edição. Canoas: Ed. ULBRA. 2003.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Recebido para publicação em 15/11/2015

Aceito em 20/02/2016